



**Amaury Cesar Moraes<sup>1</sup>**

## **Celso Favaretto – duas ou três coisas que eu sei dele**

N. B.: Não se trata aqui de uma biografia intelectual, apenas de algumas impressões. Outros, com mais competência, poderão falar das pesquisas e reflexões do Celso no campo da Estética.

### **O Professor**

Conheci Celso Favaretto quando fui realizar a licenciatura em Filosofia na Faculdade de Educação da USP. Era a disciplina Prática de Ensino de Filosofia I, depois viria a II no semestre seguinte. O professor Celso lecionava esta disciplina às quartas-feiras, horário noturno. Vínhamos assistir às aulas nem todos muito assíduos, era uma obrigação, condição para obtermos o grau de licenciado, para podermos ensinar uma disciplina que mal começava a reaparecer no currículo das escolas do ainda 2º grau. Eu já tinha minha licenciatura em Ciências Sociais e por isso não precisara cumprir os créditos nas outras disciplinas da licenciatura, havia conseguido eliminá-las por já as haver cursado.

As aulas transcorriam a partir da leitura dos textos indicados pelo professor Celso, todos eles muito interessantes e uma novidade para nós que nos acostumamos

---

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). E-mail: [acmoraes@usp.br](mailto:acmoraes@usp.br).

a pensar que não havia ninguém discutindo esse assunto: ensino de filosofia. Lá no Departamento parecia que ou estávamos lá por diletantismo ou para reproduzir o Departamento. Mas eu mesmo pensava há muito tempo em ser professor de filosofia, especialmente porque era raríssima a possibilidade de ser professor de Sociologia.

Como disse, os textos indicados pelo professor eram muito importantes, traziam discussões relevantes e o que surpreendia era a presença dos professores do Departamento, em especial dos Professores Jean Maugüé<sup>2</sup>, José Arthur Giannotti<sup>3</sup>, Franklin Leopoldo e Silva<sup>4</sup> e Gerard Lebrun<sup>5</sup>. Duas referências que se ornaram centrais para a nossa reflexão sobre o ensino de filosofia. Acresce que um outro texto também se tornou ‘pedra de toque’ para os debates e para minha formação na área: *Notas sobre ensino de filosofia*, de autoria do próprio professor Favaretto. É um texto que parece muito despretensioso, que vai comentando a bibliografia, em especial os textos de Maugüé, Lebrun e Franklin, mas que aprofunda e torna menos abstratas as discussões, pois – e aqui está a diferença de quem já esteve, como se diz “no chão da escola” e os que nunca a viram senão em fotografias –, o Celso sempre se preocupou com aquilo que poderíamos chamar de operacionalização do ensino de Filosofia.

Então temos aqui as duas principais virtudes desse professor: a *sabedoria* de fazer as escolhas bibliográficas certas, que ao mesmo tempo que informavam sobre o ensino de filosofia, eram verdadeiras sementeiras de questionamentos mais amplos sobre esse ensino; e a *ousadia* de procurar desafiar-nos para uma atitude para além do que tínhamos bebido no Departamento, e colocarmos em dúvida ou enfrentarmos a difícil tarefa de ensinar Filosofia “com ou sem a *leitura estrutural*”, tão arduamente apreendida e exercitada no Departamento. Noutras palavras, o que fazer em sala de aula, com alunos que não estão lá para serem aprendizes de filósofos, para quem “clássicos” são Corinthians e Palmeiras ou Santos e São Paulo.

Se não seria tarefa fácil para nós no futuro, não era, certamente, para o Professor Celso menos difícil retirar-nos da letargia ou do bem posto, se bem que falso, ‘domínio do conteúdo’, moeda corrente para os que, vindo dos outros institutos e faculdades, acreditam que é condição necessária e suficiente para ensinar qualquer coisa a qualquer pessoa. Ledo engano d’alma. E os textos indicados e sobretudo os do próprio Professor Celso logo mostravam que não se tratava de vir até a Educação para aprender umas receitas, uma edulcorada linguagem pedagógica e umas três informações sobre psicologia da aprendizagem. Talvez fosse isso que causasse tanto

<sup>2</sup> Trata-se de *O ensino da filosofia: suas diretrizes*.

<sup>3</sup> Trata-se de *Por que Filósofo?*

<sup>4</sup> Trata-se de *História da filosofia: centro ou referencial?*

<sup>5</sup> Trata-se de *Por que Filósofo?*

espanto nos alunos de Prática de Ensino: havia menos esperança e mais trabalho, mas agora tínhamos ao menos um mapa e uma bússola.

## O Orientador

Concluída a licenciatura, no ano seguinte concluí o mestrado em Ciência Política. Há anos vinha me debatendo com questões sobre educação, desde que começara a lecionar, primeiro as disciplinas a que as Ciências Sociais davam direito, depois Filosofia. E me apareceu uma ideia fixa: o *discurso pedagógico*, suas fundamentações e suas consequências práticas. Concluído o mestrado, podia encaminhar o doutorado. Fui então procurar o professor Celso Favaretto. Apresentei-lhe um rascunho de projeto de pesquisa... ele leu rapidamente e vaticinou: “- Isso dá samba!” Inscrevi-me no doutorado na Faculdade de Educação, pleiteando uma vaga com o Professor Celso. Não havia exames, apenas o de língua. Aprovado, comecei os contatos com o Celso, agora meu orientador. Foram anos de encontros, conversas, leituras. Idas e vindas de textos para revisar, desenvolver, cortar. A maior parte das vezes, nos encontrávamos no apartamento do Celso, poucas na sala dele na faculdade e uma vez próximo ao apartamento dele, por ocasião de uma obra lá. A leitura atenta do Celso, que não desprezava nem certos “caprichos de estilo” – muletas que burocratizavam a escrita –, e exercia vigilância precisa sobre “forma e conteúdo”, digamos assim. Por vezes me indicou bibliografia a partir da qual eu pudesse desenvolver o que pretendia dizer ou refreasse meu ânimo crítico além da conta.

Por vezes saía desses encontros moído, menos pela ação do Celso, sempre cordial e tranquilo, nunca exasperado ou descortês, e mais pela minha própria dificuldade de processar as orientações, fazer as revisões e mesmo descobrir para onde eu estava indo... Eu creio que era uma tortura para o professor Celso orientar a minha pesquisa porque sempre me ficou a impressão de que não compartilhávamos do mesmo *parti pris*, aliás, tenho a impressão de que tínhamos visões completamente opostas. No entanto, ele nunca chegou a me dizer uma palavra, de modo claro e distinto, sobre eu estar redondamente enganado. Talvez tenha semeado algumas pistas para eu rever minhas hipóteses, mas infelizmente não fui capaz de perceber. Outra qualidade sua, deixou-me à vontade, e apoiou-me totalmente quando do exame de qualificação, a banca fez críticas profundas ao meu texto e pretensões, sugerindo outra tese: o Celso garantiu-me a continuidade da orientação.

Concluída a tese, fomos para a defesa. Uma banca ilustre, um debate intenso, críticas severas *comme il faut*, afinal a corporação não pode aceitar com facilidade a entrada de um novo membro. Ainda era o tempo das notas e não obtive o 10,0 (dez) tão generalizado, mas os 9,8 (nove e oito décimos) me soaram mais sinceros e verdadeiros e consoantes às arguições daquela tertúlia. O Celso, como manda a praxe, não fez nenhuma arguição, antes fez uma defesa e circunstanciou minha pesquisa.

## O Colega

Ainda nos estertores no processo de conclusão da minha tese, surgiu a oportunidade de participar do processo seletivo de substituição da professora de Prática de Ensino de Ciências Sociais I e II na Faculdade de Educação. Particpei das provas e fui aprovado em primeiro lugar. Agora eu era colega do Professor Celso. Muito aproveitei do que aprendi de suas aulas, ainda na licenciatura. E inspirado por ele, pude fazer uma revisão radical da bibliografia do curso, muito mal organizada e com nada referente ao ensino de Sociologia; era praticamente a mesma bibliografia que havia visto quando há quase 20 anos fizera a disciplina com a professora que ora se aposentava e eu substituí.

Mal passado um ano e um evento dramático nos assolou: o Celso foi acometido de um infarto e ficava impossível continuar a dar as aulas de Prática de Ensino de Filosofia e na Pós-Graduação. Devido às proximidades com o Celso e com o ensino de Filosofia, fui consultado sobre a possibilidade de substituí-lo na licenciatura, garantindo a conclusão do ano letivo, amenizando as perdas para os alunos. Aceitei de imediato, assim como o Professor Ricardo Fabbrini, amigo comum de nós dois, assumiu as aulas da Pós-Graduação.

Foi uma experiência bastante enriquecedora e um desafio muito grande para mim. Novamente entrei em contato com a bibliografia escolhida pelo Celso, agora revista e ampliada, com novos textos que ele garimpara durante os anos em que eu fora seu aluno e agora, seu colega. O contato com alunos da licenciatura em Filosofia me fazia buscar maiores orientações do Celso, que não vacilava em me ajudar, mais de uma vez.

Durante anos pudemos participar de reuniões do mesmo Departamento, e por diversas vezes pude me aconselhar com ele. Tive ainda algumas oportunidades de substituí-lo, antes de ele se aposentar, e ele também me substituiu uma vez, por ocasião de minha licença-prêmio. Depois da aposentadoria dele, ainda fiquei algum

tempo como professor agora da renomeada Metodologia do Ensino de filosofia I e II, até que pudemos abrir concurso para um substituto definitivo, eu presidindo a banca e ele como membro titular, um apoio imprescindível sempre.

Nesses anos todos, tivemos contatos frequentes, ora ele me chamando para alguma banca de seus orientandos, ora eu retribuindo-lhe a indicação para bancas de meus orientandos. Raras vezes nos encontramos em eventos formais, agora ambos aposentados. Mais raros ainda são os encontros informais. E há algum tempo ele me cobra passar “lá no apartamento para tomar um cafezinho”. é mais uma dívida que tenho com ele...